LEONIDO KREY (1913-2008): COLUNA ‘VAMOS CANTAR’ E INTERAÇÕES COM O INSTITUTO DE TRADIÇÕES E FOLCLORE NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960.

Aluno: Ábner Elpino Campos
Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Gil Braga
DEMUS/PPGMUS/UFRGS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra o projeto de pesquisa que visa produzir conhecimento Etno/Musicológico sobre o movimento folclórico estadual. A relação desse movimento com o Instituto de Artes da UFRGS já foi abordado, além das instituições estaduais relacionadas ao folclore musical: Discoteca Natho Henn e Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF). A partir desta última pesquisa, sobre o IGTF, identificou-se o protagonismo do pesquisador prof. Carlos Galvão Krebs através de um órgão anterior, o Instituto de Tradições e Folclore - ITF (1954-1961), vinculado à divisão de Cultura da Secretaria Estadual de Educação. Consta em documentação que, além do diretor, integraram a equipe de pesquisa o folclorista Antônio Augusto Fagundes, o fotógrafo Léo Guerreiro e o músico Leonildo Krey.

OBJETIVO

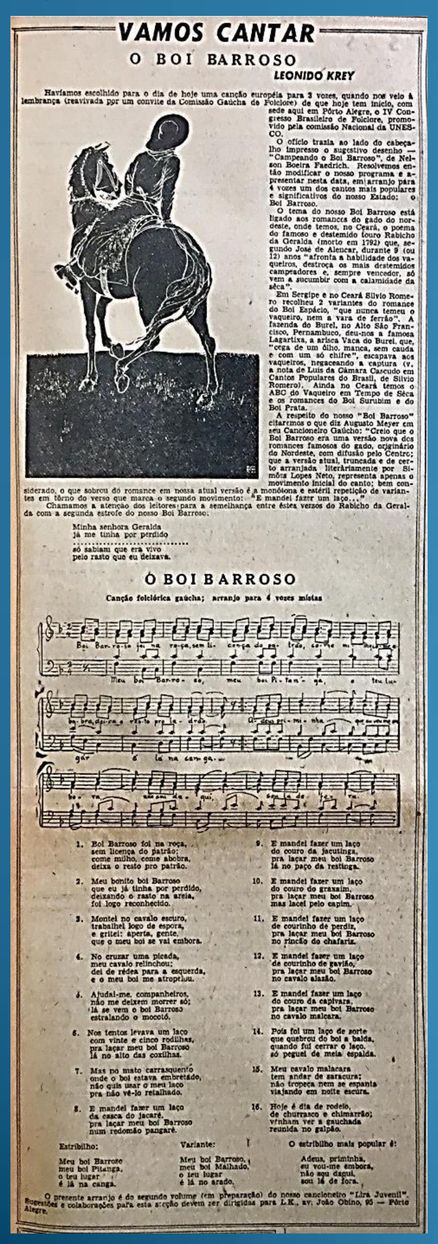
Localizar, inventariar e digitalizar material documental relacionado às atividades musicais de Leonido Krey, procurando relacionar essas atividades com o ITF, nos seguintes acervos: Instituto Histórico da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB (intermédio do sr. Paulo Udo Kunstmann), Comunidade Evangélica Luterana da Cruz, Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

METODOLOGIA

Os acervos foram pesquisados e examinados à procura de material produzido por Leonido Krey: seus livros publicados, partituras e possíveis anotações.

RESULTADOS PARCIAIS

Leonildo Krey teve destaque dentro do movimento coral de Porto Alegre, como professor, diretor escolar, regente, arranjador e autor de livros destinado a cantores e regentes, com coleções de repertórios em diversas harmonizações: Lira Juvenil – cantos de todo mundo para a juventude do Brasil (1958), Os mais belos cantos de Natal (1974), Cancioneiro Teuto-Brasileiro (1974), Cantos de todo o mundo (1978) e Cancioneiro Luso-Brasileiro (1981). Ao acessarmos material de Leonido Krey, depositado pela família no Instituto Histórico da IELB e Comunidade da Cruz, tivemos contato com suas publicações, materiais manuscritos (esboços dos livros e anotações) bem como a um recorte do jornal “O Correio do Povo” datado de 1959 contendo uma coluna de sua autoria denominada “Vamos Cantar”.


VAMOS CANTAR
O BOI BARROSO
LEONIDO KREY

Havíamos escolhido para o dia de hoje uma canção européia para 3 vozes, quando nos veio à lembrança (reavivada por um convite da Comissão Gaúcha de Folclore) de que hoje tem início, com sede aqui em Pôrto Alegre, o IV Congresso Brasileiro de Folclore, promovido pela comissão Nacional da UNESCO.

O ofício trazia ao lado do cabeçalho impresso o sugestivo destaque — "Campeando o Boi Barroso", de Nelson Boeira Faedrich. Resolvemos então modificar o nosso programa e apresentar nesta data, em arranjo para 4 vozes um dos cantos mais populares e significativos do nosso Estado: o Boi Barroso.

O tema do nosso Boi Barroso está ligado aos romances do gado do nordeste, onde temos, no Ceará, o poema do famoso e destemido louro Rabicho da Geralda (morto em 1792) que, segundo José de Alencar, durante 9 (ou 12) anos "afronta a habilidade dos vaqueiros, destroça os mais destemidos campeadores e, sempre vencedor, só vem a sucumbir com a calamidade da sêca".

Em Sergipe e no Ceará Sílvio Romero recolheu 2 variantes do romance do Boi Espácio, "que nunca temeu o vaqueiro, nem a vara de ferrão". A fazenda do Burel, no Alto São Francisco, Pernambuco, deu-nos a famosa Lagartixa, a ariscа Vaca do Burel, que, "crea de um olho, manca, sem cauda e com um só chifre", escapava aos vaqueiros, ridicularizando a captura (v. a nota de Luís da Câmara Cascudo em Cantos Populares do Brasil, de Sílvio Romero). Ainda no Ceará temos o ABC do Vaqueiro em Tempo de Sêca e os romances do Boi Surubim e do Boi Prata.

A respeito do nosso "Boi Barroso" citaríamos o que diz Augusto Meyer em seu Cancioneiro Gaúcho: "Creio que o Boi Barroso era uma versão nova dos romances famosos do gado, originário do Nordeste, com difusão pelo Centro; que a versão atual, truncada e de certo arranjada literàriamente por Simões Lopes Neto, representa apenas o movimento inicial do canto; bem considerado, o que sobrou do romance em nossa atual versão é a monótona e estéril repetição de variantes em fôrma do verso que marca o segundo movimento: "E mandei fazer um laço..."

Chamamos a atenção dos leitores para a semelhança entre êstes versos do Rabicho da Geralda com a segunda estrofe do nosso Boi Barroso:

Minha senhora Geralda
já me tinha por perdido
.....
só sabiam que era vivo
pelo rasto que eu deixava.

Ó BOI BARROSO

Canção folclórica gaúcha; arranjo para 4 vozes mistas

Boi Barroso foi na roça, sem licença do patrão; come milho, come abóbra, deixa o resto pro patrão.

Meu bonito boi Barroso que eu já tinha por perdido, deixando o rasto na areia, foi logo reconhecido.

Montei no cavalo escuro, trabalhei logo de espora, e gritei: aperta, gente, que o meu boi se vai embora.

No cruzar uma picada, meu cavalo relinchou; dei de rédea para a esquerda, e o meu boi me atropelou.

Ajudai-me, companheiros, não me deixem morrer só; lá se vem o boi Barroso estralando o mocotó.

Nos tentos levava um laço com vinte e cinco rodilhas, pra lançar meu boi Barroso lá no alto das coxilhas.

Mas no mato carrasquento onde o boi estava embrenhado, não quis usar o meu laço pra não vê-lo retalhado.

E mandei fazer um laço da casca do jacaré, pra lançar meu boi Barroso num redomão pangaré.

E mandei fazer um laço do couro da Jacutinga, pra lançar meu boi Barroso lá no paço da rentinga.

E mandei fazer um laço do couro do graxaim, pra lançar meu boi Barroso mas lacei pelo capim.

E mandei fazer um laço de couro de capivara, pra lançar meu boi Barroso no cavalo malacara.

E mandei fazer um laço do couro da sucuriú, pra lançar meu boi Barroso no cavalo alazão.

E mandei fazer um laço de couro de gavião, pra lançar meu boi Barroso no cavalo ruano.

E mandei fazer um laço de couro de tatu, pra lançar meu boi Barroso no cavalo pangaré.

O estribilho mais popular é:

Estribilho: Meu boi Barroso, meu boi Pitanga, o teu lugar é lá na canga.

Variante: Meu boi Barroso, meu boi Malhado, o teu lugar é lá no arado.

Adeus, priminha, eu vou-me embora, não sei daqui, sou lá de fora.

O presente arranjo é do segundo volume (em preparação) do nosso cancioneiro "Lira Juvenil". Sugestões e colaborações para esta secção devem ser dirigidas para L.K., av. João Obino, 60 — Pôrto Alegre.

Figura 2. Coluna “Vamos Cantar” de 19 de julho de 1959

Pesquisas em exemplares dominicais de jornais, compreendendo período de fevereiro de 1958 a setembro de 1961, foram realizadas (quadro 1). Ao todo foram analisados 164 exemplares, destes identificamos a presença da coluna em 52 domingos (primeiro registro datado em 2/11/1958 e último registro em 2/10/1960). Em 27 vezes a coluna estava inserida dentro da secção “Correio Infantil” (fig. 1) e o conteúdo do texto nos leva a inferir que as partituras eram destinadas às crianças em geral, especialmente aos estudantes e seus professores. Os arranjos eram geralmente apresentados a 2 vozes e em alguns casos identificamos o termo “orfeonização”. Em julho de 1959 apresenta um arranjo a 4 vozes do canto “O Boi Barroso” e comenta: “Havíamos escolhido (...) uma canção europeia para 3 vozes, quando nos veio à lembrança (reavivada por um convite da Comissão Gaúcha de Folclore) de que hoje tem início, com sede aqui em Porto Alegre, o IV Congresso Brasileiro de Folclore” (fig. 2). Até julho de 1960 o endereço para correspondências relativas à coluna era sua residência (Av. João Obino), mas a partir de então passa a constar “Tôda a correspondência para esta secção deve ser dirigida para L.K., Instituto de Tradições e Folclore, da Divisão de Cultura”.

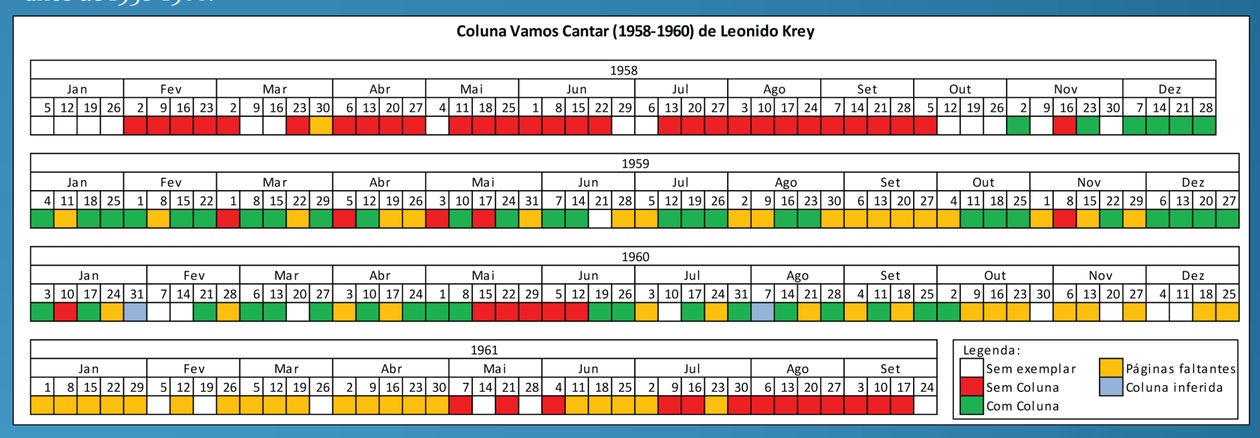
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos nessa pesquisa corroboram com a informação de que entre 1960 e 1961, Leonildo Krey, fez parte da equipe do ITF onde desempenhou atividade de pesquisador (como atestam suas anotações musicais de cantos e referências a indivíduos e localidades visitadas no litoral norte do estado, encontradas em seu acervo pessoal – fig. 3). Tanto a publicação de sua coluna semanal como seu envolvimento com o ITF dinamizou a atividade musical coral e fomentou o conhecimento de repertório folclórico em geral.

REFERÊNCIAS

KREBS, Carlos Galvão. Histórico do Instituo de Folclore. Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria da Educação e da Cultura, Departamento de Assuntos Cultuais, 1972.
KREY, Leonido. Lira Juvenil – cantos de todo mundo para a juventude do Brasil. Porto Alegre, Editora Concórdia, 1958.
_____ Coluna Vamos Cantar. *O Correio do* Povo, Porto Alegre, 1958-1961.
_____ Os mais belos cantos de Natal. Porto Alegre, FAPA/Editora Concórdia, 1974.
_____ Cancioneiro Teuto-Brasileiro. Porto Alegre, FAPA, 1974.
_____ Cantos de todo o mundo. Porto Alegre, FAPA, 1978.
_____ Cancioneiro Luso-Brasileiro. Porto Alegre, FAPA, 1981.

Quadro 1. Ocorrência da coluna “Vamos Cantar” de Leonido Krey, publicada no jornal “O Correio do Povo” entre os anos de 1958-1960.



44 — INFANTIL DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 1959 CORREIO DO POVO

COUSAS NOSSAS

Cristo no Corcovado

CORREIO INFANTIL

O CAÇADOR SEM MÊDO

II Capítulo

BARROS FERREIRA

A REVOLTA DOS BICHOS

Invenções e Inventores

Seja uma criança educada

Continho do Saber

ADIVINHAÇÕES

VAMOS CANTAR

QUANDO VIM DE LÁ DE FORA

Leonido Krey

QUANDO VIM DE LÁ DE FORA

"QUEM É QUE SABE?"

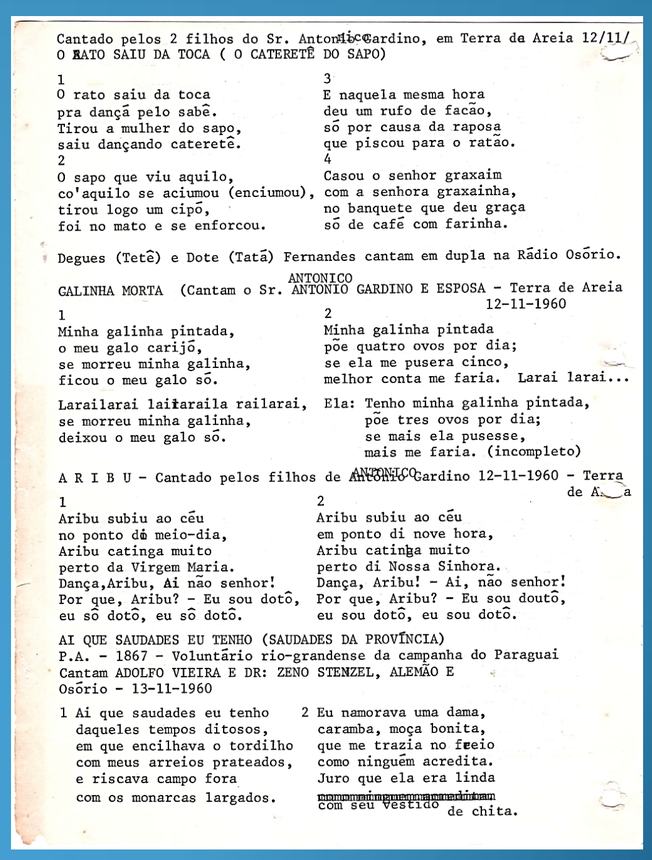
Número 44

RESPOSTAS DE "QUEM É QUE SABE" Nº 43

CORRESPONDÊNCIA

GEOGRAFIA POR CARTÃO POSTAL

Figura 1. Secção “Correio Infantil” do jornal “O Correio do Povo” do dia 14 de junho de 1959. Detalhe da Coluna “Vamos Cantar”.


Cantado pelos 2 filhos do Sr. Antonico Gardino, em Terra de Areia 12/11/
O RATO SAIU DA TOCA (O CATERETÊ DO SAPO)

1
O rato saiu da toca
pra dançã pelo sabê.
Tirou a mulher do sapo,
saiu dançando cateretê.
2
O sapo que viu aquilo,
co'aquilo se aciumou (enciumou),
tirou logo um cipõ,
foi no mato e se enforcou.
3
E naquela mesma hora
deu um rufo de facão,
sõ por causa da raposa
que piscou para o ratão.
4
Casou o senhor graxaim
com a senhora graxainha,
no banquete que deu graça
sõ de café com farinha.

Degues (Tetê) e Dote (Tatã) Fernandes cantam em dupla na Rádio Osório.

GALINHA MORTA (Cantam o Sr. ANTONICO ANTONIO GARDINO E ESPOSA - Terra de Areia 12-11-1960

1
Minha galinha pintada,
o meu galo carijõ,
se morreu minha galinha,
ficou o meu galo sõ.
2
Minha galinha pintada
põe quatro ovos por dia;
se ela me pusera cinco,
melhor conta me faria. Larai larai...

Larailarai laitaraila railarai,
se morreu minha galinha,
deixou o meu galo sõ.

Ela: Tenho minha galinha pintada,
põe tres ovos por dia;
se mais ela pusesse,
mais me faria. (incompleto)

A R I B U - Cantado pelos filhos de Antonico Gardino 12-11-1960 - Terra de Areia

1
Aribu subiu ao céu
no ponto do meio-dia,
Aribu catinga muito
perto da Virgem Maria.
Dança,Aribu, Ai não senhor!
Por que, Aribu? - Eu sou dotõ,
eu sõ dotõ, eu sõ dotõ.
2
Aribu subiu ao céu
em ponto di nove hora,
Aribu catinga muito
perto di Nossa Sinhora.
Dança, Aribu! - Ai, não senhor!
Por que, Aribu? - Eu sou doutõ,
eu sou dotõ, eu sou dotõ.

AI QUE SAUDADES EU TENHO (SAUDADES DA PROVÍNCIA)
P.A. - 1867 - Voluntário rio-grandense da campanha do Paraguai
Cantam ADOLFO VIEIRA E DR: ZENO STENZEL, ALEMÃO E
Osório - 13-11-1960

1 Ai que saudades eu tenho
daqueles tempos ditosos,
em que encilhava o tordilho
com meus arreios prateados,
e riscava campo fora
com os monarcas largados.

2 Eu namorava uma dama,
caramba, moça bonita,
que me trazia no freio
como ninguém acredita.
Juro que ela era linda
com seu vestido de chita.

Figura 3. Anotações de pesquisas, encontradas no arquivo pessoal de Leonido Krey